



HILDEBRANDO, Antonio. Teatro e Circo: experimentos dramatúrgicos. Belo Horizonte: UFMG. UFMG; Professor Associado. Dramaturgo e encenador.

RESUMO

Propõe-se, aqui, uma primeira apresentação de duas experiências em que textos dramáticos – *Diário de um Pássaro: breves reflexões sobre a arte de voar* e *Panis et Circenses* – foram escritos para “teatralizar” números circenses previamente estabelecidos, utilizando, principalmente, a fábula como estratégia dramatúrgica.

Palavras-chave: teatro; circo; fábula; teatralização;

ABSTRACT

It is proposed here a first presentation of two experiments in which dramatic texts – *Diary of a Bird: Brief considerations about the art of flying* and *Panis et Circenses* – were written in order to “theatralize” previously established circus acts adopting particularly the fable as a dramaturgical strategy.

Keywords: theater; circus; fable; theatralization.

Se, como propõe Patrice PAVIS (1999, p.374), “teatralizar um acontecimento ou um texto é interpretar cenicamente usando cenas e atores para construir a situação”, a teatralização do número circense, encarado como “um acontecimento”, certamente ocorre nos experimentos abordados. Entretanto, e ainda com o dicionarista, seria melhor falar em dramatização, pois este conceito, na contramão do chamado teatro pós-dramático, remete ao ponto principal dos experimentos, ou seja, à fábula como estratégia para a composição do texto dramático e para a integração do número circense à ação dramática que, independentemente do grau de epicização, será determinada pela fábula. Esta definida, neste caso, como material, como história contada.

Os dois experimentos tentaram satisfazer o desejo de dois de meus alunos da Graduação em Teatro da EBA/UFMG de, via dramaturgia, teatralizar os seus números circenses. Assim, para cada tipo de número criou-se uma fábula, geradora de personagens, conflitos e ações.

O primeiro experimento (2009) teve a acrobacia aérea como modalidade circense a ser teatralizada e, para isso, a seguinte fábula: Um rapaz, que acredita ser um pássaro, relembra fatos importantes de sua vida até chegar ao momento de alçar voo. Este o norte para a escrita de *Diário de um pássaro: breves reflexões sobre a arte de voar* com suas personagens: Fernão; Mãe; Paulo; Observador de pássaros; Menino; Menina; Japonês; Japonesa; Dr. Epaminondas.

Embora longa, apesar dos cortes, a citação abaixo pode explicitar os principais procedimentos dramatúrgicos utilizados para desenvolver a fábula proposta:

Abertura: *A mãe grávida sentada no balanço, que é a estrutura suspensa mais baixa, conversa com o seu bebê e lê para ele fragmentos do livro: Fernão Capelo Gaivota, de Richard Bach:*

Mãe: “A maior parte das gaivotas não se preocupa em aprender mais do que os simples fatos do voo [...] Para a maioria, o importante não é voar, mas comer. Para esta gaivota, contudo, o importante não era comer, mas voar. Antes de tudo o mais, Fernão Capelo Gaivota adorava voar. Esta maneira de pensar não o popularizava entre os outros pássaros, como veio a descobrir.” O que foi? Minha gaivotazinha, por que está tão quietinha? Você não gosta desta parte não é? *(Passa as páginas, acha um novo trecho e lê animada enquanto deixa claro que o bebê começou a chutar e a se mexer em sua barriga. Na parte mais alta da estrutura, Fernão, feliz, faz suas acrobacias aéreas, as mais difíceis e surpreendentes possíveis, em contraponto com a leitura da mãe)* “Na sua mente latejava o triunfo. Velocidade máxima! Uma gaivota a TREZENTOS E VINTE QUILÔMETROS POR HORA!” Ai, filho. Que chutão! Agora você se animou, não é? *(retoma a leitura)* [...] “Descobriu o ‘loop’, o ‘slow roll’, o ‘point roll’, o ‘inverted spin’, o ‘gull bunt’, o ‘pinwheel’. [...] Em vez da monótona labuta de procurar peixe junto dos barcos de pesca, temos uma razão para estar vivos! Podemos subtrair-nos à ignorância, podemos encontrar-nos como criaturas excelentes, inteligentes e hábeis. Podemos ser livres! PODEMOS APRENDER A VOAR!” *(sente as primeiras contrações)* Ai! Acho que chegou a hora. Seja bem vindo ao mundo meu querido...

Fernão: *(à platéia)* E eu nasci pássaro. Eu sou um pássaro. Há quem olhe para mim e queira me convencer de que eu não sou um pássaro, mas eu sou um pássaro. E por que eu sou um pássaro? Por que eu voo. - Mas como isso aconteceu? Pergunta sempre a minha tia. - Meu Deus isto não é normal? Como, Amélia? – Amélia é o nome da minha mãe – como você deu a luz a um pássaro? Minha mãe, que não é um pássaro, mas é tão inteligente como se fosse, não se cansa de explicar:

Mãe: Quando ele ainda estava na minha barriga, eu lia para ele o Fernão Capelo Gaivota e por isso ele nasceu pássaro.

Fernão: E ela me deu o nome de Fernão. Só Fernão, porque ela achava Capelo um nome muito feio,

Mãe: Capelo é um nome muito feio!

Fernão: E nem gaivota, porque eu não sou uma gaivota. Por quê? Ora, porque uma gaivota tem penas e uma asa e um bico e um pé de três dedos e adora comer peixe e eu não. *(olhando-se em um espelho, que, como tudo que pertence a Fernão, está suspenso)* Se vocês tiverem o olhar agudo de um observador de pássaros, talvez possam reconhecer o tipo de pássaro que sou, mas se não tiverem podem aprender. Há muitos cursos para aprender a observar pássaros. *(procura em seu Lap top, também suspenso, informações sobre um curso)* Achei! Curso de observação de pássaros: *(Lê)* “Além de ser uma agradável maneira de contemplar e de...”

O observador de pássaros: “...conhecer a rica natureza que nos cerca, é também uma eficiente forma de terapia [...] Ao mesmo tempo, é possível aprender quais são os tipos de pássaros com os quais convivemos e que, para a maior parte das pessoas, passam totalmente despercebidos.”

Fernão: Então, se você tiver o olhar atento e agudo de um observador de pássaros, será capaz de perceber que eu tenho pés de cinco dedos, *(conta os dedos;)* 1,2,3,4,5, e não tenho penas, mas tenho pelos, e dois braços no lugar das asas e um nariz que é mole, mole, molinho e não duro como um bico. Poderia até ser um bico mole, pois são tantas e tantas e tão diferentes as espécies de pássaros que deve ter algum que tenha um bico mole, mas o meu nariz não é um bico. É um nariz e eu sou um pássaro. Um pássaro sem bico e com nariz. Eu sei disso, ou você pensava: – Será que ele não se olha no espelho?

(HILDEBRANDO, 2009, p.1)

Como procedimento dramático, destaca-se, acima, a colagem de citações de textos não-dramáticos, como o da narrativa “Fernão Capelo Gaivota”, de Richard Bach e o trecho de texto explicativo de um *site* sobre observação de pássaros e, mais tarde, a utilização de um fragmento de texto constante em “História da sexualidade 2: o uso dos prazeres, de Michel FOUCAULT (1998, p.83), apresentado pelo Dr. Epaminondas, como preâmbulo ao diagnóstico de Fernão e do qual trago as palavras finais, acompanhadas dos comentários do paciente:

Dr. Epaminondas: “[...] Pelo *logos*, pela razão e pela relação com o verdadeiro que a governa, uma tal visão inscreve-se na manutenção ou reprodução de uma ordem ontológica; e, por outro lado, recebe o brilho de uma beleza manifesta aos olhos daqueles que podem contemplá-la ou guardá-la na memória. Sasse existiatên perantemte, jacu dadime, blá, blá, blé, bli, bló blu ... (*parte para o grammelot*) é preciso, portanto, não deixar aproximar do amor razoável a loucura nem nada que se assemelhe a incontinência” como disse Platão. (*Entrega dois frascos de comprimidos à mãe*) Duas dessas pela manhã e dessas uma a cada refeição. Mas o mais importante é que a senhora providencie um equipamento de segurança, porque com remédio ou sem remédio, mais cedo ou mais tarde ele vai voar e é melhor estar bem protegido. Vou receitar também finasterida de um miligrama que, na pior das hipóteses, evita a queda dos cabelos.

Fernão: Eu até já estava gostando do Dr. Epaminondas, mas ele nunca mais voltou. Ou achava que eu já estava curado, ou que não tinha cura, ou que eu não estava doente. Acho que ele entendeu que eu sou um pássaro e vou voar, mais cedo ou mais tarde. Com ou sem remédio. (*A mãe entrega os remédios e ele toma*). A verdade é que com os remédios a minha tristeza passou, quer dizer, eu não ficava alegre, mas também não ficava triste, eu só ficava. Nem triste, nem alegre, mas não era muito fácil tentar voar. (*Ele tenta acrobacias, demonstrando estar dopado*) Mamãe começou a ficar mais e mais triste. – Também, com tanta preocupação! Dizia a minha tia.

Tia: Também, com tanta preocupação!

Fernão: Eu comecei a achar que a culpa era minha, mas não era, era um câncer. E foi tudo tão rápido que em três meses ela foi murchando, murchando até que morreu. Foi tão triste que eu nem vou contar para vocês. Só vou dizer que eu fiz muitos pássaros de papel para enfeitar o caixão dela. Estava ficando lindo, mas a minha tia disse: - Não pode! Não se decora um caixão com pássaros de papel. Isto até ofende o morto!

Tia: Não pode! Não se decora um caixão com pássaros de papel. Isto até ofende o morto! (HILDEBRANDO, 2009, p. 6)

A repetição das mesmas falas, ora por Fernão, tomando a voz da personagem, ora pela própria personagem, como se pode ver na citação, além de embaralhar tempos e espaços, instala um ritmo sincopado e que foi muito bem aproveitado pela equipe que encenou o *Diário de um pássaro*.

O segundo experimento incluiu números de malabares e de mágica e resultou no texto *Panis et Circenses*, no qual um velho, à beira da morte, relembra o período em que foi artista circense e se questiona sobre o acerto ou não da decisão de abandonar o circo para buscar uma vida mais estável.

Dividido em dois movimentos, no primeiro há um quarto com objetos ligados ao universo circense. No segundo, o quarto transforma-se em picadeiro. As personagens são: Esmeraldo, velho, calvo e barrigudo, que lembra um palhaço; Apito, jovem ágil, figura estranha e onírica. Estrambólica esfera desafiante, voz da bolinha usada para malabarismo; Odete, jovem, espírito da esposa de Esmeraldo.

Sem colagem de textos ou presença explícita de um narrador, pois quando Esmeraldo assume o que poderia ser entendido como uma função narrativa, esta é disfarçada através de um monólogo, do tipo que PAVIS (1999, p.248) classifica como de reflexão ou de decisão e, assim, o velho palhaço esconde-se atrás da quarta parede, enquanto simula um diálogo com a esposa, há muito morta:

Esmeraldo: *(Começa jogando algumas coisas fora. Com a haste do suporte do soro, uma peruca e um casacão feminino compõe uma figura – a esposa Odete – com quem “conversará”. Pode haver um sequência de ações – por exemplo: Odete joga fora coisas que ele quer guardar; ele acha um anel e põe no dedo “dela” etc.)* Há quanto tempo que eu não venho aqui? Você tem razão, querida. Agora não dá mais para adiar. Os filhos casaram, mudaram para longe, os netos aparecem tão pouco. Eu adoro esta casa, mas você está certa: Não faz sentido continuar numa casa tão grande. *(Ele tenta acender um cigarro e “ela” não deixa.)* Finalmente me aposentei e podemos mudar para a casinha que compramos na praia. Vamos realizar o seu sonho, Odete. Esse sempre foi o seu sonho, não foi? Enquanto estava trabalhando, eu quase nunca ia lá, mas eu sei que você entendia, não é? Eu não tinha tempo. Agora posso aproveitar, pescar, caminhar na praia, *(tenta novamente acender o cigarro, “ela” não deixa)* mas a casa é pequena e não dá para levar muita coisa. *(Falando como se fosse Odete).* Agora que você se aposentou e a gente finalmente vai mudar para a praia. Você vai precisar se livrar dessa tralha toda. *(Falando como Esmeraldo:)* Não é assim, Odete! Tem coisa que eu preciso guardar. *(com a voz de Odete:)* Para quê? Você ainda acredita que vai abrir um circo? [...] Para que guardar esse monte de cacarecos? *(acha fitas K-7)* Cacarecos!? Olha, eu nem me lembrava disto. A seleção de músicas que eu gravava para você, Odete. Eu gravava para você, com muito carinho, direto do rádio. *(Ela fica melosa)* O que eu faço com essas fitas que eu gravei com tanto amor? Jogo no lixo? *(Ela, muito romântica, fala ao ouvido dele)* É verdade, Odete. Tem isso tudo na internet, é só baixar *(joga no lixo)*. E se um dia eu quiser mostrar para os nossos bisnetos o que era uma fita k-7? *(tira do lixo)* Melhor guardar uma! Para mostrar basta uma... então, vou guardar esta. Deve ter um gravador por aqui. *(Acha o aparelho e põe uma música. Dança com Odete e pára de repente).* Estou ficando ridículo! Ai, que saudade. *(Desmonta a “Odete”)* Odete se foi. Que Deus a tenha em bom lugar! *(abraçando as coisas – peruca, casaco, anel, que foram da Odete)* Podem ser cacarecos, mas são lembranças. São importantes para mim. Ou não são? Será que é só mania de velho de juntar coisa? *(HILDEBRANDO, 2012, p.1)*

No primeiro movimento, a matriz circense se encontra principalmente na figura do velho-palhaço-solitário, que realiza o número de conversa com uma figura criada a partir de seu próprio corpo e de adereços, no segundo, que se inicia com a aparição do fantasma da esposa, Esmeraldo volta a ser jovem e mostra o seu virtuosismo na execução dos números de malabares e de magia. O palco se transforma em picadeiro e a esposa-fantasma em *partner*. O circo se instala sem disfarce. Depois, de sua apresentação, ele sai, enquanto Odete apresenta um número de dança, e retorna velho:

Odete: E agora, o momento que todos esperavam! O grande Esmeraldo realizará o maior, o mais difícil número de toda a sua vida! Aplausos para o grande Esmeraldo!

Esmeraldo: *(velho, vestido para um número, entra em cena. Retira um coração iluminado que pulsa no ritmo dos batimentos cardíacos, até que comece a ter um ritmo irregular)* Será que estou morrendo Odete?

Odete: Não se preocupe com isso, meu querido. Faça o seu número! Ouça os aplausos! *(ao público:)* Um “Bravo” e uma salva de palmas para o grande Esmeraldo!

A luz cai em resistência, até que fique iluminado apenas o coração que dá as últimas batidas e se apaga.

Se no primeiro experimento a dramaturgia se aproxima daquela feita por um autor-rapsodo, como o define Jean-Pierre SARRAZAC (2012), no segundo, apesar dos *flash-backs*, assemelha-se muito mais àquela preconizada pelo drama tradicional, embora emitindo sinais de sua tão cantada crise.

Aqui, sem maiores aprofundamentos, tentei apenas apresentar duas tentativas de teatralização de números circenses que quero crer (a julgar pelos espetáculos que vi!) bem sucedidas e que significam apenas uma pequena possibilidade das muitas que se apresentam no diálogo entre o teatro e o circo.

Referências:

Observação de Pássaros. <http://br.groups.yahoo.com/group/zoologia-UFPR/message/776>. Acesso em 29/11/2009.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

HILDEBRANDO, Antonio. *Diário de um pássaro*: breves reflexões sobre a arte de voar. Belo Horizonte, 2009. (Não publicado)

_____. *Panis et Circenses*. Belo Horizonte: 2012. (Não publicado)

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

SARRAZAC, Jean-Pierre (org.). *Léxico do drama moderno e contemporâneo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.